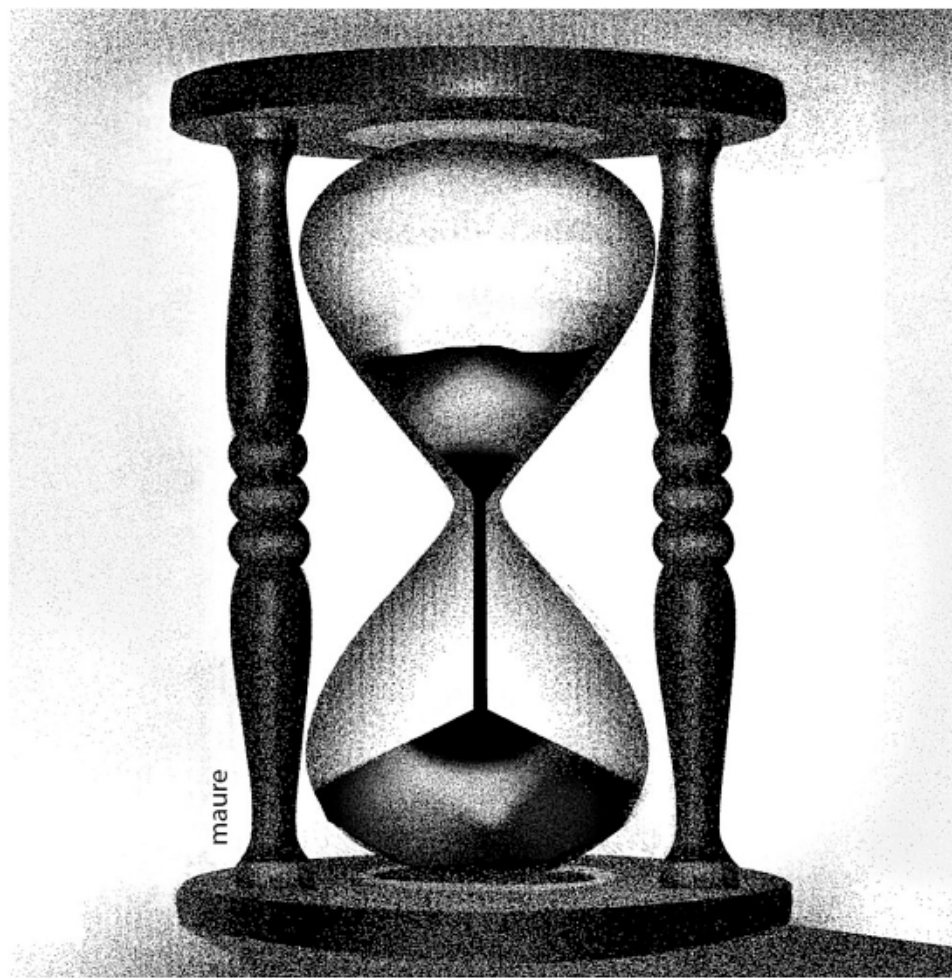


Golpismo não resolve nada

» SACHA CALMON
Advogado



des de defesa do meio ambiente, tipo Greenpeace (que vigia inclusive rios e mares) condicionam, com intensidade, nossos interesses comerciais. Falo não apenas de acordos bilaterais, mas multilaterais, dos quais participamos, como o projeto de acordo Mercosul-União Europeia, ora vetado pelos europeus (pelo menos durante até o fim do governo Bolsonaro, muito mal avaliado lá fora).

Recentemente, o presidente da França, alguns líderes verdes da Europa e o próprio Joe Biden, presidente norte-americano, deixaram com claridade solar, que não queriam saber de acordos com Bolsonaro, ou em outras palavras, pelo seu viés de desmatador (independentemente de considerarmos certa ou errada essa visão externa). Eles não querem nada com o Brasil. É de se concluir que o nosso presidente, além de não fazer um governo dinâmico, com obras, expansão econômica e, tampouco, de melhorias sociais, é visto externamente como uma pessoa non grata. Estamos, assim, no pior dos mundos. A China absorve 70% de nossas exportações: soja e outros cereais e produtos da agroindústria (o que inclui na pauta, além de minério, outros semielaborados).

Não faz nem um mês que o presidente teceu, publicamente, elogios à China, mos-

trando que saiu daquela posição de atacar o nosso principal parceiro comercial. As relações Brasil-China envolvem acordos de cooperação em várias áreas (indústria de eletroeletrônica e de comunicações). As redes de telefonia brasileira têm equipamentos chineses da ordem de 70% a 80%. A privatização das Eletrobras não terá êxito sem a presença das empresas chinesas, sendo que pelo menos duas têm fábricas no Brasil.

Qual é a esperança? A de que um presidente caldeado pela experiência de governo e com a visão ampliada dos aspectos econômicos nacionais e internacionais atinja o ponto de equilíbrio. Diao Xiao Ping disse, certa feita, que não se importava com a cor do gato, “desde que ele comesse os ratos”. Sábio dizer. As nações têm amigos certamente, mas os interesses do país estão acima de todas as considerações.

Há tempo ainda, no campo interno e externo, para expandir nossos negócios com todos os países e governar com todas as correntes políticas em prol do povo brasileiro. Chega de assombrações! Deixar-se tomar pela fantasmagoria do PT é infantilidade. A melhor campanha é um governo certo e dinâmico. A disputa eleitoral é inevitável. Está no calendário. E quem ganhar toma posse.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A importância da informação num mundo em transformação

Nunca saia do seu quarto pela manhã até que tudo esteja certo entre você e Deus, recomendava o notável evangelista e missionário inglês George Müller (1805-1898), querendo, com isso, apontar também a necessidade dos indivíduos em buscar um sentido para suas vidas que, de alguma forma, ajude a tornar o mundo um lugar melhor para todos.

Para aqueles que, graças a Deus, ainda não perderam o velho e bom hábito de acertar os ponteiros da própria vida e, ao mesmo tempo, conferir as notícias estampadas nos principais jornais do país, para que, mesmo antes de saírem de casa, já tenham uma noção aproximada da realidade diária, desenhada em traços ligeiros, em seu entorno, fica claro que estamos imersos num mundo em acelerados e radicais movimentos de mudanças. Por isso mesmo a necessidade, cada vez maior, de acertar os ponteiros da vida, quer através da espiritualização, quer através de uma clareza sobre os rumos da humanidade.

Contrariando aqueles que recomendam ficar longe do noticiário, devido a uma avalanche de casos de ansiedade que a pandemia provocou em muita gente, é preciso, mais do que nunca, buscar informações que facilitem a orientação de rumos. A alienação proposital em tempos agitados e de grandes e rápidas transformações é capaz de gerar indivíduos totalmente perdidos e desorientados, criando hordas de fantasmas que passam a vagar pelas cidades sem propósito e sem ânimo, apenas obedientes a uma rotina cega e vazia.

Sem essa interação com a paisagem cotidiana, não é possível encontrar o lugar ideal de cada um. Principalmente agora, quando o mundo vai ficando cada vez mais populoso e indiferente ao destino das pessoas. Experimentamos hoje o fenômeno da redução e da perda de significado do espaço vital de cada um, num processo em que o inchaço demográfico do planeta é apontado como o principal motivo. A coletivização do cotidiano, juntamente com uma espécie de pasteurização dos costumes, vai aos poucos transformando e reduzindo nossa sociedade num enorme e disciplinado formigueiro, onde a cada um caberá uma função, distante daquela imaginada e desejada por muitos.

Não há como entender a importância que o espaço vital tem para cada um sem a alavanca da informação. É justamente esse espaço que está agora em contínua mudança e redução de tamanho. E isso é capaz de provocar uma diminuição, também, no próprio indivíduo, em seu tão sonhado livre arbítrio.

Sem o esforço diário de enxergar e ver o que ocorre nas cercanias de nosso país e no mundo globalizado, não há saídas seguras para o indivíduo. Melhor permanecer dentro do quarto. Ou é assim ou muitos irão se surpreender quando chegar o dia em que, ao abrir a porta de casa para dar uma volta pelo quarteirão do bairro, darão de cara com um muro, construído à frente, que impede agora a passagem para o lado de fora, como era de costume.

Seria um sonho? O futuro que vai se desenhando no horizonte à frente neste século, e que aos poucos vai sendo posto nos noticiários em conta gotas, aponta para uma série de alternativas, todas elas igualmente preocupantes. Ou a redução da população mundial; ou a redução apenas da população de idosos, cada vez mais numerosa e que acaba pesando no orçamento dos estados; ou a redução no número de tolos, que não para de aumentar também.

Segundo o pensador francês Jacques Attali, autor do livro *Uma breve história do futuro*, “na própria lógica da sociedade industrial, o objetivo não será prolongar a expectativa de vida, mas fazer com que, em um determinado período, o homem viva o melhor possível, mas de tal forma que as despesas de saúde sejam as mais baixas possíveis em termos de custos coletivos”. É para refletir.

»» A frase que foi pronunciada

“O homem é um animal de hábito ou será que de hábito o homem não é um animal?”

Mafalda

»» História de Brasília

Muita gente pensa, e está imensamente enganada, que Brasília é o lugar ideal para esconder bandalheiras de administração, fazer tramoias, ganhar dinheiro ilegal. (Publicada em 09/02/1962).

Emprego na América Latina: uma recuperação insuficiente e desigual

» VINÍCIUS PINHEIRO

Diretor da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para América Latina e o Caribe

A reativação econômica da América Latina não está se refletindo suficientemente nos mercados de trabalho, uma vez que não gera nem a quantidade nem a qualidade dos empregos necessários para enfrentar as consequências da crise socioeconômica provocada pela pandemia da covid-19. O panorama laboral não é animador e representa um desafio de grande magnitude. Quando a crise atingiu a região no segundo trimestre de 2020, cerca de 43 milhões de empregos foram destruídos. Embora um grande número de empregos tenha sido recuperado desde então, ainda estamos longe de retornar aos níveis que tínhamos antes da pandemia.

A fraca recuperação do emprego significou que, no primeiro semestre de 2021, a taxa média de desocupação da região permaneceu elevada, em 11%. Em termos absolutos, significa que cerca de 32 milhões de pessoas procuram ativamente trabalho, mas não o encontram. Além disso, cerca de 70% dos empregos criados nos últimos meses em um grupo de países latino-americanos estão em condições de informalidade. Este é um dado preocupante, pois em muitos casos envolve ocupações de baixos salários, sem proteção social ou direitos.

A informalidade é um problema endêmico na América Latina. Antes da pandemia, em média 1 em cada 2 empregos era informal na região. Quando a crise chegou, as ocupações informais foram as mais afetadas pela destruição de empregos e a abrupta perda de renda.

É verdade que o vírus não discrimina o contágio, mas, em nossas sociedades fragmentadas, o acesso a serviços sociais, infraestrutura tecnológica e condições de trabalho decentes fazem a diferença na hora de se proteger contra os impactos econômicos de uma crise.

De fato, no início dos longos períodos de confinamento, o teletrabalho e a digitalização contribuíram para a continuidade do negócio e a preservação de milhões de empregos. Estima-se que 23 milhões de pessoas transitaram para o teletrabalho na região. Em alguns países, cerca de 30% das pessoas assalariadas passaram para o teletrabalho. No entanto, essa opção estava predominantemente disponível para trabalhadores assalariados formais, com alto nível de escolaridade e com acesso a tecnologias e à conectividade. Ao mesmo tempo, todos nós testemunhamos como as atividades informais em nossas cidades ultrapassaram as medidas sanitárias de controle da pandemia, já que muitas pessoas precisam trabalhar de dia para comer naquele dia.

Além disso, mulheres, jovens, migrantes e pessoas com menos qualificações foram atingidos de forma desproporcional pela contração do emprego e da renda, o que significa que foram afetados mais fortemente pelos impactos desiguais e do aumento da pobreza desta crise na região. No caso das mulheres, houve declínio da participação laboral após décadas de aumento de sua inserção no mercado de trabalho. Há mais de 15 anos que não se registrava uma taxa tão baixa

de participação econômica das mulheres.

Isso também se reflete nos dados de recuperação do trabalho. Do segundo trimestre de 2020 até o primeiro trimestre de 2021, 58% do total do emprego feminino perdido durante o primeiro semestre de 2020 foi recuperado na região. No caso do emprego masculino, esse valor sobe para 77%. Diante de um cenário tão complexo, é hora de fazermos um chamado à ação em prol da geração de mais e melhores empregos para sairmos da crise. Como já verificamos, a recuperação econômica por si só é insuficiente para gerar mais e melhores empregos.

Além de sustentar o crescimento, é fundamental que existam políticas voltadas especialmente para a geração de postos de trabalho formais. Existe um amplo repertório de medidas à disposição dos governos para avançar neste caminho que deveriam ser apoiadas por meio de um diálogo social efetivo com empregadores e trabalhadores. Por outro lado, é importante que essas estratégias apontem para o futuro do trabalho que queremos. No caso da informalidade, é importante ir além das estratégias habituais, talvez para repensar como abordar esse problema com o uso de novas tecnologias e iniciativas de e-formalização. Não podemos esquecer que o emprego é a principal fonte de renda das famílias latino-americanas e, como tal, é essencial para reduzir a pobreza e a desigualdade. E é por isso que ele também é uma peça fundamental para a estabilidade social nos países da região.